

## **O comunismo ortodoxo no banco dos réus da Revolução: uma análise das disputas ideológicas na cúpula do poder revolucionário cubano na década de 1960**

GILIARD DA SILVA PRADO\*

### **Introdução**

A Revolução Cubana tem sua história marcada por uma trajetória de mais de cinco décadas de lutas político-ideológicas com os mais diversos antagonistas, tanto internos quanto externos. Os embates político-ideológicos, todavia, não se travaram apenas contra os opositores da Revolução, tendo sido bastante acentuados entre os próprios dirigentes revolucionários, notadamente na década de 1960, período marcado pelas disputas relativas à definição dos rumos da experiência revolucionária cubana e pelas divergências quanto ao método mais adequado para a construção do socialismo e, por conseguinte, do comunismo.

As disputas de poder e os dissensos ideológicos ficaram patentes tão logo se formou o governo revolucionário, em janeiro de 1959. As diversas forças oposicionistas que, na fase final da luta insurrecional, uniram-se para lutar contra a ditadura de Fulgencio Batista não conseguiriam contornar suas contradições internas. O programa reformista posto em prática pelo governo revolucionário cubano logo pôs em evidência os conflitos de interesses entre os setores moderados e os setores radicais das forças de coalizão.

A ausência de consenso quanto ao alcance e ao grau de radicalização do programa reformista expunha uma divergência ideológica mais ampla acerca dos rumos do processo revolucionário. Nos termos dessa divergência, alguns grupos e dirigentes revolucionários condenavam o que consideravam ser uma guinada na direção do comunismo, instando, em sentido contrário, que a revolução se mantivesse fiel aos ideais nacionalistas e democráticos pelos quais as forças rebeldes haviam lutado e que tinham sido proclamados tanto na fase da luta insurrecional quanto nos primeiros meses após o estabelecimento do governo revolucionário.

Essa disputa político-ideológica quanto aos rumos da experiência revolucionária cubana conheceria um importante ponto de inflexão em 1961, quando Fidel Castro declarou o

---

\* Professor do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia - UFU (Campus Pontal); Doutor em História pela Universidade de Brasília. E-mail: <giliardprado@gmail.com>.

caráter socialista da Revolução e, pouco tempo depois, a adoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial. Desde então, a principal disputa deixara de ser entre os que defendiam o caráter nacionalista e aqueles que defendiam o caráter socialista da Revolução, tornando-se um embate relativo ao método mais adequado para a construção do socialismo e, conseqüentemente, para se chegar ao comunismo.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar as relações de força e as disputas político-ideológicas que marcaram a cúpula do poder revolucionário cubano na década de 1960, enfatizando os dissensos quanto ao grupo político que deveria conduzir o processo revolucionário cubano, bem como as disputas envolvendo diferentes interpretações acerca do método para a construção do comunismo não apenas em Cuba, mas também na América Latina e em outras regiões do Terceiro Mundo. Para tanto, a partir de uma análise centrada nos discursos de Fidel Castro, este trabalho aborda dois casos – sectarismo e microfacção – que compuseram o processo de defenestração política de Aníbal Escalante da cúpula do poder revolucionário e que são representativos de uma política de expurgos praticada pelo governo cubano contra comunistas de longa data que, por seus vínculos estreitos com o Kremlin e sua fidelidade à ortodoxia do Partido Comunista da União Soviética, foram vistos pelo líder da Revolução Cubana como ameaças a seu poder<sup>1</sup>.

### **As acusações contra Aníbal Escalante: sectarismo (1962) e microfacção (1968)**

A compreensão das disputas ideológicas na cúpula do poder revolucionário cubano ao longo da década de 1960 – aqui abordadas a partir de dois casos que marcaram a defenestração política de Aníbal Escalante – requer que se leve em conta as relações estabelecidas entre Cuba e União Soviética no decorrer desse período, bem como a metamorfose ideológica operada pelo governo revolucionário cubano no ano de 1961.

Construídas sobre bases pragmáticas, as relações cubano-soviéticas caracterizam-se, apesar da dependência econômica e militar de Cuba em relação à superpotência comunista, pelas divergências político-ideológicas entre os dois países. São fundamentalmente as variações neste último aspecto, isto é, no grau de divergência ou alinhamento no campo

---

<sup>1</sup> Além dos dois casos envolvendo a figura de Aníbal Escalante, também é representativo dessa política de expurgos o “caso Ordoqui” (PRADO, 2016). Por limites de espaço, optou-se, no entanto, por abordar neste texto apenas os episódios relativos à defenestração política de Aníbal Escalante.

ideológico que definem os momentos de maior ou menor estabilidade nas relações cubano-soviéticas.

Em importantes momentos da experiência revolucionária cubana, a tomada de decisões foi orientada pelo pragmatismo. Foi este o caso, por exemplo, da proclamação do caráter socialista da Revolução. Convém lembrar que essa declaração pública de adesão ao socialismo, em 16 de abril de 1961, ocorreu em uma circunstância que apresentava certa excepcionalidade, uma vez que não teve lugar em um ato eminentemente político, mas sim em uma cerimônia fúnebre em homenagem às vítimas de um bombardeio que tinha sido realizado na véspera por aviões procedentes dos Estados Unidos. Além disso, a proclamação do socialismo não foi objeto de enaltecimento político-ideológico e tampouco esteve acompanhada de considerações teóricas ou da reivindicação de qualquer corrente de pensamento, tendo o caráter socialista sido mencionado somente em duas breves passagens do discurso, quando Fidel Castro afirmou que os cubanos tinham feito “*una Revolución socialista en las propias narices de Estados Unidos!*” e, em seguida, ao declarar que aquela era “*la Revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes*”. Naquele momento, o governo revolucionário já possuía informações privilegiadas acerca dos preparativos para a invasão das tropas de cubanos exilados e considerou que o bombardeio ocorrido na véspera tinha sido “*el preludio de la agresión de los mercenarios*” (CASTRO, 1961), colocando o país em estado de alerta.

Diante da imprevisibilidade quanto aos desdobramentos que a invasão poderia ter, incluindo-se aí uma eventual participação direta dos Estados Unidos, a declaração do caráter socialista era oportuna, pois se constituía em uma medida que objetivava aumentar as possibilidades de obter a proteção militar da União Soviética e até mesmo de outro país socialista, caso Cuba precisasse de ajuda para defender-se de um ataque. A avaliação certamente era que o governo soviético, em virtude de sua posição de liderança no movimento comunista mundial e das críticas feitas pela China à política de coexistência pacífica, sentir-se-ia mais pressionado e persuadido a ajudar militarmente uma revolução socialista do que uma revolução que até aquele momento apenas se declarava como de libertação nacional e anti-imperialista (RAMIREZ, 1971: 46); (BANDEIRA, 1998: 296).

Alguns meses após ter proclamado que a Revolução era socialista, Fidel Castro declarou, em discurso proferido no dia 02 de dezembro de 1961, o marxismo-leninismo como

ideologia oficial da Revolução Cubana. Desta vez, porém, não se tratou de uma declaração vaga e desprovida de qualquer conteúdo teórico. Ao afirmar-se como marxista-leninista, o líder cubano empreendia uma mudança no percurso ideológico da experiência revolucionária, mas buscava apresentar essa transformação em termos de continuidade, como o resultado do cumprimento de uma teleologia histórica.

Essa declaração do marxismo-leninismo como ideologia oficial da Revolução Cubana foi motivada tanto por fatores externos quanto internos. No plano internacional, a definição dos princípios ideológicos que guiavam a experiência revolucionária cubana representava a adoção de uma postura menos vacilante, o que favorecia o estreitamento de laços com a União Soviética e os demais países do bloco socialista, de modo a atender ao propósito do governo cubano de conseguir uma ampliação da proteção militar e da ajuda econômica até então recebidas (BANDEIRA, 1998: 350). Como, desta vez, diferentemente de quando havia proclamado de forma imprecisa o caráter socialista da Revolução, Fidel Castro definiu os rumos a serem seguidos por um processo revolucionário que se propunha a instaurar o comunismo, a imprensa soviética não silenciou a respeito da declaração do líder cubano, repercutindo nos periódicos *Izvestia* e *Pravda* a sua filiação ideológica ao marxismo-leninismo (RAMIREZ, 1971: 45).

Contudo, talvez até mais do que as questões da política internacional, a situação política interna parece ter desempenhado um papel preponderante na decisão de Fidel Castro de declarar-se marxista-leninista. No período em questão as três forças políticas que participavam do governo cubano – o Movimento 26 de Julho, o Diretório Revolucionário 13 de Março e o Partido Socialista Popular – estavam agrupadas nas Organizações Revolucionárias Integradas (ORI)<sup>2</sup>. Porém, “a fusão das forças revolucionárias tornou-se meramente nominal”, uma vez que, na prática, o PSP “absorvia as outras duas organizações” (BANDEIRA, 1998: 380). Para isto, dois aspectos foram determinantes: o fato de que o PSP “era a única das forças que possuía quadros capacitados e uma estrutura de organização sólida, coesa e disciplinada capaz de sustentar a constituição e o funcionamento do governo revolucionário” (BANDEIRA, 1998: 377); e também o crescente prestígio que os seus

---

<sup>2</sup> Em 1961, o PSP passou a integrar, ao lado do Movimento 26 de julho e do Diretório Revolucionário 13 de Março, as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), as quais deram origem, em 1962, ao Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC), que, por sua vez, deu lugar, em 1965, ao atual Partido Comunista de Cuba (PCC).

dirigentes – comunistas de longa data e afinados ideologicamente com o Kremlin – passaram a ter em um período no qual Cuba e União Soviética estreitavam seus vínculos.

Havia alguns dirigentes do PSP que questionavam a liderança de Fidel Castro e sua formação ideológica assentada em ideias burguesas, argumentando que os comunistas de longa data constituíam o grupo mais capacitado para conduzir a revolução socialista em Cuba. A declaração de Fidel Castro de que era marxista-leninista ocorreu, portanto, em um momento no qual ele sentiu o seu poder ameaçado em face da progressiva influência política dos dirigentes do PSP no governo revolucionário e, em particular, da atuação de Aníbal Escalante, secretário encarregado da organização das ORI, que estava indicando apenas comunistas para a direção do partido e para os principais cargos administrativos e que era tido como “homem de confiança da URSS” (BANDEIRA, 1998: 380), possuindo estreitas relações com o embaixador e com os integrantes dos serviços de segurança desse país. Além disso, constituía-se em um dos principais críticos da formação ideológica do líder da Revolução. Diante dessas circunstâncias, compreende-se a importância da “*rápida conversión de Fidel Castro al marxismo-leninismo*”, uma vez que essa decisão “*dejaba a algunos líderes del PSP sin su mejor arma y prevenía, a la vez, un posible apoyo de la URSS a esa facción*” (RAMIREZ, 1971: 46-47).

Logo, porém, ficou evidente que a profissão de fé marxista-leninista feita por Fidel Castro não era propriamente a expressão de suas convicções ideológicas e que ele não estava disposto a seguir o marxismo em consonância com a ortodoxia soviética e muito menos a perder o posto de líder máximo da Revolução, permitindo que os comunistas do PSP controlassem o governo. Pouco tempo depois de ter declarado que o marxismo-leninismo era “a única teoria revolucionária verdadeira”, Fidel Castro teceu fortes críticas – em uma implícita referência aos comunistas do PSP – ao dogmatismo daqueles que, por serem marxistas, consideravam-se os únicos que faziam jus ao “conceito de revolucionário”. Em março de 1962, durante o ato comemorativo em homenagem aos mártires do assalto ao Palácio Presidencial – uma ação rebelde que fora realizada, em 13 de março de 1957, pelo Diretório Revolucionário –, houve um episódio que forneceu elementos a Fidel Castro para fundamentar a sua crítica ao dogmatismo. Ele constatou que o mestre daquela cerimônia foi orientado por dirigentes do PSP a suprimir da leitura do documento que se convencionou chamar de “Testamento Político” de José Antonio Echeverría – presidente do Diretório

Revolucionário e um dos mártires daquela ação – um trecho no qual havia uma referência a Deus. Tratava-se da passagem na qual Echeverría havia escrito: “*Confiamos en que la pureza de nuestras intenciones nos traiga el favor de Dios para lograr el imperio de la justicia en nuestra patria*” (CASTRO, 1962b). Condenando essa censura imposta por aqueles que eram os comunistas de longa data em Cuba, Fidel Castro questionou: “*¿Podrá llamarse ‘concepción dialéctica de la historia’ semejante cobardía? ¿Podrá llamarse marxismo semejante manera de pensar? ¿Podrá llamarse socialismo semejante fraude? ¿Podrá llamarse comunismo semejante engaño?*”. E prosseguiu sua crítica, afirmando:

*(...) con ese criterio, habría que comenzar por suprimir todos los escritos de Carlos Manuel de Céspedes, que expresó el pensamiento de su tiempo, que expresó el pensamiento de su clase, que expresó el pensamiento revolucionario que correspondía a un momento en que los criollos, los representantes de la riqueza nacional se rebelaron contra el yugo y la explotación de España. ¿Y qué ideas influían a aquellos hombres? ¿Las ideas de la Revolución Francesa, es decir, de la revolución burguesa! ¿Y qué ideas influyeron a los próceres de América, que ideas influyeron en Bolívar? ¡Aquellas mismas ideas! ¿Qué ideas influyeron en Martí, que ideas influyeron en Maceo, que ideas influyeron en Máximo Gómez y los demás hombres de aquella gloriosa estirpe? ¿Qué ideas influyeron en nuestros poetas de aquel tiempo, representantes de la cultura cubana, raíz de nuestra historia, sino las ideas de aquel tiempo? ¿Y entonces tendremos que suprimir los libros de Martí porque Martí no fuera marxista-leninista, porque Martí respondiera al pensamiento revolucionario que cabía en nuestra patria en aquella era?* (CASTRO, 1962b)

Por meio dessa crítica, Fidel Castro estava, embora indiretamente, defendendo-se dos que se opunham à sua liderança por avaliarem que, em virtude de sua formação ideológica pequeno-burguesa, ele não era o dirigente mais capacitado para conduzir a revolução socialista em Cuba. Estava ainda justificando os usos combinados que passara a fazer das correntes de pensamento socialista e nacionalista. Em seu entendimento, adotar a perspectiva dogmática dos dirigentes do PSP – aos quais estavam implicitamente direcionadas as suas críticas – significaria “*abolir el concepto de revolucionario desde Espartaco hasta Martí*” e incorrer, como consequência de uma “*concepción miope, sectaria, estúpida y manca*”, na negação tanto do marxismo quanto da história, dos valores e das raízes cubanas (CASTRO, 1962b).

Depois de haver sugerido, por ocasião da cerimônia comemorativa do 13 de março, em 1962, uma “*autocrítica*” ao responsável pela censura ao “Testamento Político” de Echeverría, e de ter declarado “*guerra*” ao sectarismo (CASTRO, 1962b), Fidel Castro continuou abordando esse tema nos discursos seguintes. Ainda sem nominar o alvo de suas críticas, destacou a necessidade de corrigir distorções praticadas por aqueles que, por

pertencerem às ORI, julgavam-se no direito de “*estar dando órdenes, quitar y poner, crear el caos dentro del Estado*”. Na opinião do líder cubano, os que recorriam a este tipo de procedimento – desejosos de poder, autoridade e prestígio – conseguiam tão somente “*ganarle enemigos a la Revolución y amigos a los enemigos de la Revolución*”. Em seguida, acrescentou que a autoridade de um revolucionário não era determinada pelas posições de poder que ocupava, como, por exemplo, pelo pertencimento às ORI. Neste sentido, Fidel Castro expôs o que, no seu entendimento, fazia de alguém um revolucionário e, ainda que não fosse essa a sua intenção, colocou em evidência o pragmatismo e o cálculo político a partir dos quais orientava a sua própria conduta, ao afirmar que: “*los revolucionarios se hacen con el ejemplo, con la palabra oportuna en el momento oportuno; con el argumento bien pensado, bien dirigido; con las palabras en el momento en que las palabras se necesitan, que son necesarias para orientar*” (CASTRO, 1962c).

A correção das distorções no âmbito do partido revolucionário, a que se referira Fidel Castro, foi feita com o expurgo de Aníbal Escalante do Diretório Nacional das ORI. No dia 26 de março de 1962, o líder máximo da Revolução utilizou-se da rede nacional de rádio e TV para criticá-lo publicamente, acusá-lo de sectarismo e comentar sua exclusão das ORI. Fidel Castro afirmou que Aníbal Escalante tinha incorrido em graves erros, abusado da confiança que lhe fora concedida e utilizado o partido político para atender a ambições pessoais. Com seus métodos de atuação, ele tinha feito das ORI “*una camisa de fuerza, un yugo*”, convertendo-as em “*un ejército de revolucionarios domesticados y amaestrados*” (CASTRO, 2011: 49). Tendo o seu nome quase sempre acompanhado do epíteto “*compañero*”, Aníbal Escalante foi apontado como sectário, mas, diferentemente do que ocorreu com outros revolucionários que discordaram dos rumos dados à Revolução por seu Comandante em Chefe, não foi acusado de traição. Nas palavras de Fidel Castro, o dirigente do PSP não podia ser visto como “*otros hombres que fueron de la Revolución y después la traicionaron*” (CASTRO, 2011: 49). Por isso, em vez de ter sido preso ou encaminhado ao paredão, apenas foi defenestrado, recebendo a “sugestão” de retirar-se do país. Pouco antes do discurso de Fidel Castro em rede nacional, Aníbal Escalante partiu de Cuba com destino a Praga e de lá seguiu para Moscou, onde permaneceu exilado por alguns anos (BANDEIRA, 1998: 386). Para a punição menos severa que lhe foi aplicada parece ter sido decisiva a avaliação de que,

naquele momento, não convinha incompatibilizar-se publicamente com o PSP, pois isso poderia comprometer as relações com a União Soviética.

Mais do que simplesmente abordar uma questão da política interna, o discurso de denúncia do sectarismo expunha de forma contundente as divergências ideológicas que o governo revolucionário mantinha, a um só tempo, com os comunistas do PSP, no plano interno, e com a União Soviética, no plano externo. Uma das principais diferenças ideológicas pode ser expressa, por exemplo, por meio de uma polêmica criada em torno de alguns nomes que compuseram a lista dos 25 membros da Diretoria Nacional das ORI. De posse de fontes de informação privilegiadas – não se sabe se resultantes simplesmente das comuns intrigas partidárias ou se do trabalho de vigilância e delação dos CDRs –, o líder da Revolução tornou pública a crítica feita por um militante do PSP e secretário das ORI no município de Bayamo, chamado Fidel Pompa, que, por ocasião da divulgação da lista dos membros da Diretoria Nacional das ORI, questionou os nomes de Emilio Aragonés, Guillermo García, Sergio del Valle e Haydée Santamaría, insinuando desconhecê-los e desaprovando a sua inclusão na referida lista. Em resposta a essa crítica, Fidel Castro apresentou cada um dos revolucionários citados, enaltecendo os seus méritos na luta guerrilheira e afirmando que se Fidel Pompa não os conhecia era “*sencillamente porque cuando aquí la gente estaba combatiendo él estaba debajo de la cama*” (CASTRO, 2011: 63). Em seguida, argumentou que a revolução socialista em Cuba tinha sido possível graças aos rebeldes que lutaram nas guerrilhas da Sierra Maestra, sem cujos esforços o militante do PSP possivelmente ainda estaria “*debajo de la cama*” (CASTRO, 2011: 64). Não se tratava, porém, de uma simples antinomia entre coragem e covardia. No centro dessa polêmica envolvendo distintas concepções revolucionárias estava a oposição fundamental entre, de um lado, os que haviam participado da luta armada e, de outro lado, os que atribuíam maior ênfase à formação e militância política marxista, bem como ao papel de vanguarda a ser exercido pelo partido.

A oposição à ideia de que uma melhor formação política marxista constitui-se no critério determinante para que um grupo tenha a primazia na condução de uma revolução está presente em diversas passagens desse discurso de Fidel Castro sobre o sectarismo. O líder da Revolução criticou, por exemplo, o argumento de que alguns oficiais do Exército Rebelde, em razão de seu “*bajo nivel político*”, não poderiam estar no comando de suas respectivas tropas, questionando:

*¿Cómo se puede haber luchado por una Revolución socialista, y después decir que quien luchó y peleó por esa Revolución, y fue leal a ella, y en los momentos de vacilaciones no vaciló, y estuvo siempre presente, y se enfrentó a los vacilantes, y se enfrentó a los enemigos, y estuvo siempre dispuesto a morir, y se movilizó cuando los mercenarios, y pudo morir combatiendo a los mercenarios después de haber declarado que esta Revolución era socialista, le van a quitar el mando de tropas por bajo nivel político y van a poner a un bachiller cualquiera, capaz de recitar de memoria un catecismo de marxismo aunque no lo aplique?; (CASTRO, 2011: 71)*

No âmbito dessa crítica aos que se julgavam mais capacitados em virtude de uma melhor formação política, Fidel Castro ironizou, surpreendentemente, os que falavam “*como un papagayo*” sobre questões do marxismo-leninismo, considerando que para ser um revolucionário não era preciso saber recitar “*El Capital*” e ser submetido a “*un examen de marxismo-leninismo*” (CASTRO, 2011: 71-72). Além disso, rebateu as críticas feitas por distintos militantes do PSP, que haviam dito que “*La historia me absolverá*” era um documento reacionário e que as ações do assalto ao Moncada e do desembarque do Granma tinham sido um erro. Em resposta à afirmação de que “*La historia me absolverá*” não tinha um caráter marxista, mas sim reacionário, o líder cubano argumentou que não almejava que aquele documento se convertesse em uma “*obra clásica de Marxismo*” e que ele era a expressão “*de un pensamiento revolucionario en evolución. No es todavía el pensamiento de un marxista, pero es el pensamiento de un joven que se encamina hacia el marxismo y empieza a actuar como marxista*” (CASTRO, 2011: 67). E acrescentou que o mérito daquele que fora o seu discurso de defesa perante o tribunal que o julgou por sua participação no assalto ao quartel Moncada não estava no valor teórico das questões relativas à economia e à política, mas sim na denúncia dos crimes da ditadura de Fulgencio Batista e principalmente nas condições em que fora feita a denúncia, afinal, “*cuando no había garantías para la vida de nadie, denunciar aquellas cosas era un poco más difícil que posar de revolucionario ahora*” (CASTRO, 2011: 68). No que diz respeito aos comentários de que as ações das duas primeiras etapas da luta insurrecional tinham se constituído em um erro, retrucou que “*lo que se discute en el Moncada y en el Granma no es el hecho sino la línea, la línea acertada, la línea revolucionaria, la línea de la lucha armada. No la línea politiquera, la línea electoral, sino la línea de la lucha armada contra la tiranía de Batista, línea que la historia ha consagrado por su acierto*” (CASTRO, 2011: 69). Fidel Castro expunha, dessa forma, um aspecto fundamental das diferenças ideológicas que mantinha com os militantes do PSP e

também com a União Soviética: a divergência entre os que os defendiam a luta armada e os que defendiam a via pacífica como método para o estabelecimento do socialismo.

Outro ponto importante desse discurso esteve relacionado à questão do culto à personalidade. De acordo com Fidel Castro, não havia motivos para que esse tema estivesse sendo tão discutido em Cuba, uma vez que ele havia se constituído em um problema para a União Soviética, mas, do seu ponto de vista, não era algo que afetava a si próprio. Em contraposição às acusações de que ele manifestava uma tendência a incorrer no culto à personalidade, defendeu-se nos seguintes termos:

*(...) nosotros hicimos una guerra, la dirigimos, la ganamos y sobre los hombros de ninguno de nosotros hay estrellas de generales, ni sobre nuestros pechos cuelgan condecoraciones. (...) propusimos que se prohibiera por ley hacer estatuas a personas vivas, que se pusiese a calles, o ciudades, u obras el nombre de personas vivas. Y más todavía: que por ley se prohibiera que los retratos nuestros estuviesen en los despachos oficiales (CASTRO, 2011: 73).*

Segundo Fidel Castro, não se podia confundir o culto à personalidade com a autoridade e o prestígio dos dirigentes revolucionários. A esse respeito, assegurou que em Cuba não seriam destruídos outros líderes que tivessem prestígio, considerando que tanto melhor seria se a Revolução tivesse “*un líder, dos, diez, con prestigio*”. E, contrariando o que, na prática, aconteceria no decorrer da experiência revolucionária cubana, declarou que quanto “*más voces autorizadas tenga la Revolución, mejor*” (CASTRO, 2011: 75).

O problema do culto à personalidade em Cuba, de acordo com o líder máximo da Revolução, apenas podia ser associado ao sectarismo de Aníbal Escalante, cuja política de nomeações praticada nas ORI foi comparada aos métodos do rei Luís XIV (CASTRO, 2011: 83). Parece ilógico que o alvo de suas críticas tenha sido comparado ao rei absolutista francês justamente quando o Estado cubano era cada vez mais o próprio Fidel Castro, sendo dirigido consoante seu voluntarismo. Embora tivesse afirmado ser favorável ao centralismo democrático e à direção coletiva e, ainda, declarado que a autoridade e o prestígio de um revolucionário não estavam associados às posições de poder, ele demonstrava claramente que não abdicaria do posto de líder máximo da Revolução, acumulando as funções: de primeiro-ministro, no governo; de primeiro secretário, no partido (ORI)<sup>3</sup>; e de comandante em chefe, nas Forças Armadas Revolucionárias. Nas principais instâncias do poder revolucionário

---

<sup>3</sup> A Diretoria Nacional das ORI teve seu Secretariado composto “por ele próprio [Fidel] e Raúl Castro, como primeiro e segundo secretários, Ernesto Che Guevara, Oswaldo Dorticós, Blas Roca e Emilio Aragonés”. Destes, apenas Blas Roca era comunista de longa data, sendo um dos dirigentes do PSP (BANDEIRA, 1998: 383; 386).

ocupava a condição de “primeiro”<sup>4</sup> e em todas elas o “segundo” posto na hierarquia estava reservado ao seu irmão, Raúl Castro.

A denúncia do caso de sectarismo expunha nitidamente a disputa político-ideológica em Cuba: de um lado, estavam os militantes comunistas de longa data, que possuíam formação política marxista e seguiam as diretrizes do Partido Comunista da União Soviética, defendendo o papel de vanguarda política a ser exercido pelo partido e a via pacífica para o socialismo; de outro lado, estavam os guerrilheiros da *Sierra Maestra*, recém-convertidos ao marxismo-leninismo e que enfatizavam o papel da vanguarda militar, preconizando a luta armada como método para estabelecer o socialismo. Em face dessa divisão, o líder cubano afirmou que combateria qualquer tipo de sectarismo: tanto o “*de la Sierra*” quanto o dos “*20 años de militancia*” (CASTRO, 2011: 61), credenciais com que cada um dos grupos se apresentava, reivindicando o reconhecimento de seus respectivos méritos. Embora adotasse um tom conciliador e centrasse suas críticas nas figuras de alguns militantes e não no PSP como um todo, evitando, dessa forma, prejudicar suas relações com a União Soviética e com os partidos comunistas de outros países que seguiam a mesma orientação ideológica, Fidel Castro deixava claro neste discurso que Cuba não abandonaria a linha que, segundo ele, a história havia consagrado como a correta, preconizando, assim, a luta armada como a estratégia a ser seguida pelo movimento comunista internacional.

Esse discurso de denúncia do sectarismo apenas reafirmava a concepção revolucionária que orientava a política do governo cubano em relação à América Latina e, em uma escala mais ampla, ao Terceiro Mundo. A ênfase na necessidade da luta armada para promover a revolução anti-imperialista e socialista já tinha sido expressa, por exemplo, na Segunda Declaração de Havana, ocorrida em 04 de fevereiro de 1962. Nesta ocasião, dirigindo-se principalmente aos povos latino-americanos, Fidel Castro conclamou-os à luta armada, expressando-se nos seguintes termos:

*el deber de todo revolucionario es hacer la revolución. Se sabe que en América y en el mundo la revolución vencerá, pero no es de revolucionarios sentarse en la puerta de su casa para ver pasar el cadáver del imperialismo. El papel de Job no cuadra con el de un revolucionario* (CASTRO, 1962a).

---

<sup>4</sup> A exceção foi a função de chefe de Estado, cujo poder era mais simbólico do que efetivo e que passou a ser exercida por Fidel Castro apenas a partir de 1976, ano em que assumiu também a presidência de Cuba. Até então, os presidentes do país no período revolucionário tinham sido: Manuel Urrutia Lleó (02/01/1959 - 17/07/1959) e Oswaldo Dorticós Torrado (17/07/1959 - 02/12/1976).

A referência a Jó, personagem bíblico cujo nome está associado à imagem de alguém que aceita com extraordinária paciência e resignação os sofrimentos e provações a que é submetido, era uma evidência da posição cubana contrária à ideia stalinista da revolução por etapas. Na concepção do governo cubano não se devia esperar o cumprimento da etapa democrático-burguesa da revolução, passando-se diretamente ao estabelecimento do socialismo; e tampouco que o trabalho de vanguarda política do partido levasse à progressiva tomada de consciência por parte do operariado, que ainda era relativamente pequeno na maior parte dos países da América Latina. Preconizava que a luta armada poderia acelerar o processo revolucionário, que devia contar com a participação de operários, de intelectuais revolucionários e de um grupo que constituía uma força potencial nos países subdesenvolvidos do continente: o campesinato. Cuba propunha sua experiência revolucionária como um caminho a ser seguido na América Latina: a luta armada, desenvolvida por meio da guerra irregular, mais precisamente, da guerra de guerrilhas rurais e com a participação da população pobre do campo (GUEVARA, 1980).

Mesmo após ter estreitado vínculos e estabelecido alianças estratégicas com a União Soviética, Cuba manteve uma política externa não apenas independente, mas, em muitos aspectos, também dissonante em relação às diretrizes soviéticas. Quanto mais aparentemente o governo revolucionário se aproximava da União Soviética, por meio de medidas como a proclamação do caráter socialista e, em seguida, do marxismo-leninismo como a ideologia oficial da Revolução, mais ficavam evidentes as diferenças e o distanciamento ideológico entre os dois países. As linhas mestras das divergências, diziam respeito, conforme foi visto, ao emprego da via pacífica ou da luta armada como método para se chegar ao socialismo e, como desdobramento dessa concepção, à importância que era atribuída ao papel dos partidos comunistas na condução do processo revolucionário.

Essas divergências políticas e ideológicas deram o tom da instável relação cubano-soviética durante os anos 1960. Desde o estabelecimento dos vínculos até o ano de 1965, os dois governos conseguiram administrar com êxito essa instabilidade. Nem mesmo a crise dos mísseis, em 1962, apesar de ter gerado insatisfação e ressentimento da parte dos cubanos, afetou o pragmatismo com que era conduzida essa aliança estratégica. Na década em questão, o período mais crítico das relações entre os dois países teve lugar entre 1966 e 1968, quando se intensificaram as suas divergências político-ideológicas.

Foi no contexto dessa fase crítica dos desentendimentos com a União Soviética que teve lugar outro episódio emblemático das disputas políticas na cúpula do poder revolucionário cubano. Uma vez mais, a polêmica estava centrada no nome de Aníbal Escalante, que depois de ter permanecido alguns anos no exílio, recebeu, em 1967, autorização do governo cubano para retornar ao país. Poucos meses depois, em janeiro de 1968, Fidel Castro denunciou o que chamou de “*microfracción*” – também referida em algumas fontes como “*microfacción*” –, termo utilizado para designar um grupo liderado por Aníbal Escalante e composto por outros comunistas que haviam militado no antigo PSP e que eram seguidores da linha soviética. Os integrantes desse grupo foram acusados de conspirarem contra o governo cubano, por terem solicitado ao governo soviético que exercesse pressão política e econômica – considerando-se inclusive a possibilidade de suspender o fornecimento de petróleo (BANDEIRA, 1998: 580) – como uma forma de fazer com que Cuba adotasse uma política que estivesse em consonância com as diretrizes soviéticas. Além disso, eles teriam também distribuído artigos publicados na imprensa soviética por comunistas latino-americanos contrários ao regime cubano e organizado reuniões em que difamavam os dirigentes revolucionários e criticavam a linha do partido e as medidas do governo. As críticas diziam respeito principalmente ao desejo de mando pessoal por parte de Fidel Castro – apontado como antissoviético e falso comunista (BANDEIRA, 1998: 581) –, por querer manter o partido sob seu controle exclusivo, bem como ao voluntarismo e à falta de planejamento com base nos quais continuava sendo conduzida a política econômica. Os acusados de formarem essa “microfacción” foram expulsos do Partido Comunista de Cuba, submetidos às respectivas autocríticas, julgados pelos tribunais revolucionários e condenados, recebendo penas que variaram de dez a quinze anos de prisão (RAMIREZ, 1971: 120-121).

### **Considerações finais**

As denúncias de sectarismo (1962) e de formação de uma microfacción (1968) feitas contra Aníbal Escalante – que resultaram, respectivamente, em sua defenestração das ORI e em sua prisão – demonstram que a compreensão das disputas de poder na cúpula do poder

revolucionário cubano requer que sejam levadas em conta as divergências político-ideológicas que caracterizaram as instáveis relações cubano-soviéticas ao longo da década de 1960.

Enquanto na União Soviética defendia-se o papel de vanguarda política a ser exercido pelos partidos comunistas e a via eleitoral para o estabelecimento do socialismo e predominava ainda a interpretação do marxismo-leninismo com base em certo dogmatismo doutrinário da vertente stalinista e de suas teses a respeito da construção do socialismo em um só país e da revolução por etapas; em Cuba, por sua vez, os dirigentes revolucionários identificavam-se mais com o trotskismo e sua tese da revolução permanente e, além disso, estavam mais próximos da linha chinesa, maoista, quanto ao emprego da luta armada como forma de fazer triunfar a revolução socialista (LÖWY, 2007). Em sua interpretação heterodoxa do marxismo-leninismo, os dirigentes cubanos apropriavam-se de diferentes perspectivas ideológicas, amalgamando correntes de pensamento socialistas com a tradição do nacionalismo cubano e com as lições que julgavam poder ser extraídas de sua própria experiência revolucionária.

No tratamento dado às disputas políticas internas, Fidel Castro evitou fazer críticas diretas ao PSP, tanto porque dependia de seus quadros políticos capacitados no aparato administrativo da Revolução quanto pelo fato de que não lhe convinha incompatibilizar-se com todos os comunistas de longa data do país e, por extensão, com o governo soviético, já que o PSP – que havia sido extinto por ocasião da formação das ORI – seguia as diretrizes do Partido Comunista da União Soviética. No expurgo de Aníbal Escalante ficou evidenciado também que ser o homem de confiança da União Soviética equivalia, em contrapartida, a ser visto com suspeição pelo líder máximo da Revolução Cubana, passando a figurar como uma ameaça ou um obstáculo a seu poder.

O intuito de Fidel Castro de anular politicamente alguns dirigentes do PSP parece estar associado principalmente ao temor de que, em face de uma situação de disputa na política interna cubana, a União Soviética pudesse preteri-lo, apoiando os comunistas de longa data oriundos das fileiras do PSP, alguns dos quais se constituíam nos homens de confiança do governo soviético em Cuba. Portanto, o líder cubano não investiu indistintamente contra todos os dirigentes revolucionários provenientes do PSP, mas sim contra aqueles que, fiéis às diretrizes do Partido Comunista soviético, demonstraram menor conformidade em relação à heterodoxia e às sucessivas metamorfoses político-ideológicas do castrismo.

## Fontes e referências

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la República, efectuado en 23 y 12, frente al Cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. [1962a] *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de la Dirección Nacional de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Segunda Asamblea Nacional del Pueblo de Cuba, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 4 de febrero de 1962*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. [1962b] *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto en homenaje a los mártires del Asalto al Palacio Presidencial, en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1962*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. [1962c] *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de la Dirección Nacional de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de graduación de 300 instructoras revolucionarias para las escuelas de domésticas, efectuado en el Teatro “Chaplin”, el 16 de marzo de 1962*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f160362e.html>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. [2011] La seriedad de un partido revolucionario se mide por la actitud ante sus propios errores – comparecencia por radio y televisión, La Habana, 26 de marzo de 1962. In: \_\_\_\_\_. *El partido, una revolución en la revolución: selección temática (1961-2005)*. La Habana: Ed. Política, 2011.

GUEVARA, Ernesto. Guerra de guerrillas: um método. In: *Textos revolucionários*. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1980.

LÖWY, Michel. Introducción: puntos de referencia para una historia del marxismo en América Latina. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *El marxismo en América Latina: antología, desde 1909 hasta nuestros días*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2007, p. 9-67.

PRADO, Giliard S. O tribunal revolucionário como tribuna política em Cuba: uma análise dos casos “Marquitos” e “Ordoqui”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, ANPHLAC, n. 21, p. 4-33, jul./dez. 2016.

RAMIREZ, Blanca Torres. *Las relaciones cubano-soviéticas (1959-1968)*. México, D.F.: El colegio de México, 1971.